

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Escola de Belas Artes

Alice Vieira de Souza

**O ENSINO DA DRAMATURGIA A PARTIR DE CENAS DE RUA**

Belo Horizonte

2015

Alice Vieira de Souza

## **O ENSINO DA DRAMATURGIA A PARTIR DE CENAS DE RUA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Teatro - Licenciatura - Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, para obtenção do título de Graduação.

Orientadora: Profa. Dra. Marina Marcondes Machado.

Belo Horizonte

2015

(...) Digam antes:  
Ele é um artista, porque é um homem.  
Podemos fazer mais perfeitamente  
o que ele faz, e ser por isso festejados,  
mas o que fazemos é algo universal,  
humano, a cada hora praticado no burburinho das ruas.  
Para o homem tão bom quanto respirar e comer.

Assim o seu teatro nos leva de volta às questões  
práticas.  
Nossas máscaras, digam nada são de especial,  
enquanto forem somente máscaras.

Ali o vendedor de xales põe o chapéu redondo de  
sedutor,  
segura uma bengala, até um bigode cola sob o nariz,  
e atrás do seu balcão dá uns passos alegre  
indicando a vantajosa mudança que  
através de xales, bigodes e chapéus  
logram os homens.

E nossos versos, digam:  
Vocês também possuem!  
Os vendedores de jornais gritam as manchetes  
em cadências e assim intensificam o efeito  
e tornam mais fácil a repetição constante!  
Nós falamos textos alheios, mas os namorados,  
os vendedores, também aprendem textos alheios,  
e com que frequência.

Todos vocês citam ditados!  
Assim máscara, verso e citação tornam-se comuns.  
Mais incomuns a máscara vista com grandeza,  
o verso falado bonito e a citação apropriada.

Mas para que nos entendamos:  
Mesmo se aperfeiçoassem o que faz o homem da  
esquina,  
vocês fariam menos do que ele, se o seu teatro  
fizessem menos rico de sentido, de menor ressonância  
na vida do  
espectador, porque pobre de motivos e menos útil.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Edgar, meu companheiro de vida que tanto me acolhe e me inspira todos os dias a ser uma pessoa melhor.

Ao Hilde, mais que um grande mestre, uma pessoa muito especial, fundamental em minha trajetória acadêmica e uma grande inspiração de vida e escrita.

A Marina Marcondes Machado, pela dedicação, generosidade e grande empenho.

A Adélia Carvalho, pela incrível sensibilidade, pela amizade e inesgotável paixão pelo teatro.

## RESUMO

Esta pesquisa visa elaborar uma didática relativa aos modos de ensinar dramaturgia a partir do cotidiano. Para tanto, realizei relatos etnográficos da rotina de trabalho dos atendentes de lanchonetes, visando desenvolver um planejamento de ensino. Com isso, pretendo alcançar o interesse dos alunos para questões políticas e sociais, além de ensinar elementos do processo da escrita teatral, tais como do teatro épico, dramático e pós-dramático.

**Palavras chaves:** Dramaturgia. Ensino. Cotidiano. Etnografia. Lanchonetes.

## **ABSTRACT**

This study aims to develop a pedagogy related to teaching dramaturgy from an everyday perspective. Ethnographic interviews were conducted at snack bar and cafeterias attendants in order to develop a teaching plan. By doing that, we intend to raise students' interest to political and social issues as well as to teach elements of the theater writing process, such as the epic, dramatic and postdramatic theater.

**Key words:** dramaturgy. Teaching. Daily life. Ethnography. Snack bars. Cafeterias.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
• Breve memorial.....	8
• O exercício da escrita e a escrita etnográfica.....	10
<b>DESENVOLVIMENTO.....</b>	<b>13</b>
• As teatralidades das lanchonetes.....	13
• Diálogo, Narrativa e Roteiro de Improviso.....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>20</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>23</b>

## INTRODUÇÃO

### Breve memorial

Meu nome é Alice, nasci em seis de maio de mil novecentos de oitenta e dois, em um bairro da periferia de Belo Horizonte. Cresci em um galpão cheio de pó onde funcionava a marcenaria do meu avô. Eu brincava quase o dia inteiro naquele lugar. Eu tinha brinquedos “de verdade”, mas não precisava deles; tudo não passava de madeira e a madeira era tudo. Eu vivia quase sempre envolta por uma nuvem de poeira. Naquele tempo, nuvem era uma coisa fofa e vaporosa e poeira eram partículas divertidas num feixe de luz. O pó não irritava e não era sujo, era anticorpo que me acautelava das sinusites, bronquites e do tédio.

Na escola eu sempre sentia tédio e desânimo. Como se teatro e vida fossem coisas distintas. Da vida, lembro-me dos detalhes com sentimentos leves. Recordo dos pensamentos que tinha na infância, das conversas com os amigos da rua, com os parentes, das brincadeiras, dos brinquedos, dos choros, das gargalhadas, dos desenhos e coloridos, da primeira vez que escrevi meu nome numa folha de papel. Quando reflito sobre os motivos pelos quais tenho poucas lembranças da escola e das poucas que tenho não serem tão boas, me ocorre que o que pode ter contribuído para isso seja um estranhamento causado pela falta de identificação entre elementos de fora e dentro da escola do ambiente escolar. E essa sensação desconfortável continuou me acompanhando ao longo dos anos.

Quando estava prestes a ingressar na quinta série, mudei-me de Belo Horizonte para uma cidade do interior, ainda em Minas Gerais. Ingressei na Escola Estadual Dr. Norberto Custódio Ferreira. Do período em que entrei nessa escola na quinta série, até a oitava série, sofri graves agressões verbais dos colegas. Alguns criavam histórias e apelidos e colocam no jornal da escola, jornal esse que era fixado e impresso pelos próprios coordenadores da escola. Certa vez os meus colegas fizeram panfletos com casos inventadas e apelidos sobre mim e distribuíram nas casas, espalharam nas ruas da cidade. Esse material continha uma foto minha dada como prova de amizade para uma amiga da mesma escola. Era incomodada o tempo na rua e na escola, sofria calada, mas simplesmente fingia que não ligava. Apesar do termo *bullying* naquela época não fosse muito discutido e que as crianças

mesmas acabavam tendo que lidar com isso, engolindo a angústia, hoje sei que houve uma negligência por parte de adultos, principalmente por parte de professores, diretores da escola onde esses jornais e panfletos também eram espalhados. Penso que tudo isso influenciou negativamente na minha vida estudantil e no meu processo de aprendizagem. Mas por outro lado, me proporcionou uma empatia por pessoas que, de que certa forma, sofrem por tratamentos desiguais na sociedade.

Quando me formei no Ensino Médio não pensava em prestar vestibular, queria trabalhar, ter dinheiro, ser independente. Além disso, ainda não tinha condições financeiras de fazer um curso pré-vestibular. Meu primeiro emprego com carteira assinada foi como operadora de telemarketing. Nessa época me matriculei em um cursinho, mas antes mesmo de ingressar na faculdade, comecei a fazer teatro. Finalmente meu desejo de infância de ser atriz se realizaria, depois de poucas tentativas frustradas na infância e na adolescência. Havia alguns anos que escutava no rádio uma chamada sobre o curso de teatro na PUC Minas, então finalmente decidi investir nas aulas de teatro e fazer minha inscrição. Lembro que no primeiro dia de aula, senti todo meu corpo formigando, uma espécie de dormência. Ao caminhar no espaço aos comandos do professor, eu sentia uma sensação estranha de quase flutuar, como se o meu corpo estivesse suspenso. Ao mesmo tempo em que era algo estranho, totalmente novo, aquela sensação me deixou feliz e renovada ao final da aula. Eu me perguntava o que havia sido isso? Pensava que algo dentro de mim teria que ser superado para que eu começasse a agir com mais naturalidade e conseguir me tornar de fato uma atriz. Como na marcenaria, novamente estava curiosa, criativa e atenta. E para isso continuei estudando com muita paixão. Quando já havia concluído o curso de teatro da PUC Minas procurava diversos cursos e oficinas muitas vezes para fazer teatro e sentir novamente aquela sensação maravilhosa. No teatro sentia que a vida podia sim estar diretamente relacionada à escola. E o que eu era, sentia e observava no mundo estava relacionado com a minha capacidade de criação artística. Pela primeira vez eu fazia ligações entre escola e vida. Um semestre depois de me inscrever no Curso profissionalizante de Teatro da PUC Minas, ingressei na Faculdade de Serviço Social da mesma instituição, mas cursei apenas um semestre, pois o desejo era de

me dedicar exclusivamente ao teatro. Em 2011 ingressei na Faculdade de Teatro da UFMG.

### **O exercício da escrita e a escrita etnográfica**

A escrita veio antes de tudo, antes mesmo do teatro. Ela apareceu de uma necessidade de escrever coisas que eu julgava serem chatas para os outros, mas que tinham uma beleza angustiante, que só cessava quando transformada em palavra escrita. Escrevia o tempo todo sobre pequenos acontecimentos cotidianos, reflexões sobre coisas que via e ouvia em toda parte.

A primeira experiência profissional na qual usei a observação do cotidiano, foi quando resolvi visitar o bairro em que passei minha infância, depois de vinte anos que havia me mudado. Tudo parecia pequeno, a rua, a casa onde morei, a sorveteria, a papelaria e principalmente a mercearia do Sr. Geraldo, onde eu costumava comprar doces. E foi do encontro com Sr. Geraldo que escrevi a cena “O último doce” apresentada em diversos festivais. Esse trabalho me possibilitou falar sobre temas como infância e velhice, usando como ponto de partida o tempo e o espaço. Uma personagem representava o espaço no papel de uma pessoa que rompeu as barreiras geográficas, antes delimitadas por um adulto, na medida em que cresceu e agora tinha a sensação, ao rever o bairro da infância, que tudo estava pequeno demais. E a segunda personagem vivia apenas das memórias do tempo de criança. Mas ela não se conformava em não caber mais naquele tempo, pois com o passar dos anos, a vida se esgotava e o bairro diminuía.

*Vinte anos depois, num gesto súbito de coragem atravessei a rua e pisei na pequena e escura mercearia do Sr. Geraldo. Tentei passar despercebida pelo Ney. O Ney é uma espécie de guardião empacotador daquele lugar. Ele ainda estava com o mesmo uniforme azul desbotado. O pequeno corredor que levava a mesa do Sr. Geraldo parecia muito longo e escuro. Apenas uma lâmpada pendurada iluminava o seu rosto. Ele estava sentado no mesmo lugar, numa espécie de trono, somando a caderneta de uma senhora. Fiquei esperando enquanto sentia o mesmo delicioso cheiro de desinfetante. No momento em que ele me viu, sorriu para mim como se nunca tivesse tido dente e eu olhei para ele como se eu sempre tivesse tido essa ruga enorme no meio da minha testa.*

Imagino que este esboço foi a minha primeira experiência com relatos etnográficos, o que agora realizo em meu TCC com mais consciência e algumas referências teóricas. Depois escrevi outros textos que surgiram a partir de conversas que eu escutava nas ruas. Gradativamente essas experiências fomentaram em mim um desejo de aprofundar nesse campo da observação do cotidiano das pessoas.

Em 2014, em contato com a professora Marina Marcondes Machado, descobri a etnografia<sup>1</sup> e manifestei a minha vontade de conduzir o meu Trabalho de Conclusão de Curso para esse campo. Eu já sabia que queria falar sobre pessoas, mas quais pessoas? Meu olhar sempre foi direcionado para gente comum, com trabalhos simples como do Sr. Geraldo e do Ney. Trabalhadores sempre me sensibilizaram por imprimirem uma grande verdade enquanto trabalham, como se suas mãos, seus gestos, seus olhares, seus uniformes não os deixassem mentir.

Na tentativa de me manter fazendo teatro eu havia trabalhado em alguns restaurantes e lanchonetes de Belo Horizonte. Com essa experiência e também com a experiência de atendente de telemarketing durante alguns anos de minha vida, pude perceber uma grande acentuação da minha invisibilidade social. Acreditava que através do teatro poderia tornar o invisível, visível. Então pela minha empatia por trabalhadores e por minha experiência como trabalhadora de lanchonete, me surgiu o desejo de dar luz aos trabalhadores desses estabelecimentos. Então, convidei a Profa. Dra. Marina para orientar meu Trabalho de Conclusão de Curso e comecei os meus relatos etnográficos.

Nas minhas experiências anteriores com observações, não tinha um compromisso com o relato detalhado, minha atenção era acionada quando os meus olhos e ouvidos passavam diante de algo que, para mim, tinha potencial lírico e reflexivo, então anotava pequenos trechos de maneira mais poética, além de depender, até certo ponto, do meu estado de espírito.

A obrigatoriedade de etnografar me conduzia um relato mais técnico do cotidiano. Antes essa prática era um modo de escapar do tédio das horas e dos acontecimentos ordinários. Dessa vez teria que enfrentar a vida mesma, nua e crua.

---

<sup>1</sup> A etnografia, a princípio, é a maneira de “coletar dados” em pesquisa participante, o que significa dizer, pesquisa onde o pesquisador está implicado, está “dentro” da situação a ser pesquisada. Trata-se de fazer relatos que envolvem “estar dentro” e “estar fora” – aliás nisso a prática etnográfica assemelha-se à direção de atores brechtiana. No entanto, a etnografia feita por antropólogos experientes poderia ser chamada de “teoria vivida” e é um campo profissional que depende de prática e estudo, como todos os outros. (Machado, 2013, p. 1).

Mas a todo o momento eu estava à espera que algo extraordinário acontecesse, o que me deixava ansiosa e tornava minhas observações algo frustrante. Tudo era repetitivo como o próprio trabalho dos atendentes. Até os corpos cansados pareciam não haver nuances entre um e outro. Estava tudo ali, posto, bastava que se olhasse uma vez. Não conseguia me sentir criativa.

A lanchonete funcionava apenas como um lugar dos desejos da gula e não da criação. Mas o que eu queria consumir era poesia e não hambúrguer, mas só comida me era oferecida. Dentro da lanchonete, o meu olhar poético se perdeu gradativamente em detrimento da repetição e do automatismo. O tempo parecia mais extenso do que era verdadeiramente. O que eu via no primeiro momento me remetia a algo improcedente para uma pesquisa.

Conversando com a professora Marina pude saber que minhas narrações não precisavam ser necessariamente poéticas e com a prática veria mais teatralidades. Na medida em que fui ficando menos ansiosa e desenvolvendo certo amadurecimento do que estava descrevendo, a rotina deixou de ser tão segmentada e entediante. Fui aprendendo a ver melhor as exceções, o não costumeiro.

Comecei a perceber que a teatralidade<sup>2</sup> estava sutilmente nos olhos, nas mãos, na postura do corpo, no que as pessoas falavam entre si, na relação que se estabelecia entre os atendentes e os clientes, na hierarquia dentro da lanchonete, em como o subordinado é tratado pelo seu empregador, nas moscas pousadas nas paredes de vidro, na disposição física de cada lanchonete, na diversidade do público e na sua relação com os trabalhadores.

Através desse trecho do artigo “Reflexões sobre como fazer o trabalho de campo” escrito pelo professor de antropologia da UNICAMP Carlos Henrique Brandão, observei que o estranhamento nos primeiros contatos com o trabalho de campo é comum entre alguns pesquisadores:

---

<sup>2</sup> Teatralidades sustenta que, para um espectador aberto às experiências da cena contemporânea, a teatralidade pode ser uma maneira de atenuar o real para torná-lo estético; ou um modo de sublinhar esse real com um traçado cênico obsessivo, a fim de reconhecê-lo e compreender o político; ou um embate de regimes ficcionais distintos que impede a encenação de construir-se a partir de um único ponto de vista, e abre múltiplos focos de olhar em disputa pela primazia de observação do mundo. De acordo com o ensaísta, a teatralidade pode ser também o canteiro de obras de um work in progress teatral, ou uma categoria que se apaga sob formas diversas de performatividade, revelando campos extra-cênicos, culturais, antropológicos e éticos. (Pavis, 2007, p. 317-337).

Às vezes, essa descrição horroriza o sociólogo, porque ela parece uma coisa tão banal e tão medíocre, tão improcedente para uma pesquisa que pretende dizer grandes coisas, que parece uma banalidade mesmo. Mas leiam com cuidado, por exemplo, O capital, de Karl Marx, para ver como é que grande parte do que está escrito ali são pequenas observações a respeito de como um operário trabalha em uma máquina, de como uma mulher operária se relaciona com um tear, de como uma equipe de operários se relacionam, de como um capataz estabelece relações com os operários, e assim por diante. Marx jamais seria um grande filósofo e sociólogo se não tivesse sido grande observador das pequenas relações interpessoais no contexto da prática econômica. Então é descrever mesmo, descrever a banalidade do cotidiano. (BRANDÃO, 2007, p.15)

## DESENVOLVIMENTO

### As teatralidades das lanchonetes

Para esta pesquisa, realizei quinze relatos etnográficos nas lanchonetes durante o segundo semestre de 2015. Elas foram realizadas em lanchonetes do Baixo Centro, Região Sul e Região da Pampulha de Belo Horizonte.

As lanchonetes são, geralmente, muito parecidas umas com as outras nas suas estruturas físicas. O espaço é quase sempre pequeno, escuro ou iluminado com lâmpadas muito fortes.

*(...) O local é escuro e fresco. Uma musiquinha ambiente embala o sono de uma senhora que dorme com a cabeça pendurada. Ninguém come, apenas bebem café. (Diário de bordo, 05/08/2015).*

*(...) A lanchonete é pequena e decorada com grandes luminárias de alumínio com lâmpadas muito claras. Diferente das outras lanchonetes, a bancada onde os clientes comem, contorna a parede, de maneira que todos os clientes ficam de frente, como o rosto quase colado a uma parede branca. Onde os atendentes trabalham é uma espécie de pequeníssima ilha de vidro no centro da lanchonete. (Diário de Bordo, 09/09/2015).*

*(...) A lanchonete é pequena, clara e barulhenta. Mulheres entre 30 e 60 anos moem a cana, espremem a laranja, lavam a vasilha, limpam o chão, o balcão e atendem os clientes. Todas as funcionárias fazem tudo, não parece haver uma divisão de tarefa. (Diário de bordo, 09/09/2015).*

Minha proposta é recortar momentos que, em um olhar ordinário, são invisíveis. Esses recortes recebem uma moldura pelos ângulos teatrais que, além da visibilidade, oferece contornos teatrais ao labor dos atendentes de lanchonetes. Ao fazer relatos etnográficos de lanchonetes, uma das primeiras coisas que pude notar foi que, independente do bairro, de classe média ou baixa, a maioria dos atendentes vive grande invisibilidade por parte dos clientes. Assim como a comida servida no modo *fastfood*, as relações também são rápidas e absolutamente rasas. Muitas vezes não há um contato visual pleno entre clientes e atendentes. Alguns clientes simplesmente não agradecem quando recebem seus pedidos e ainda menos fazem o pedido de forma educada, fato que me faz relacionar o automatismo no trato com os trabalhadores, até mesmo a falta de gentileza dos clientes, à desvalorização cultural do trabalho executado por esses trabalhadores. O claro desprezo social e o não reconhecimento do trabalho dos funcionários dão origem a um sentimento de invisibilidade, como descrito em parte de um relato etnográfico em uma das lanchonetes localizada no baixo centro de Belo Horizonte:

*Um homem aparentando ter cinquenta anos, vestindo roupa social, senta-se ao meu lado no balcão da lanchonete. Ele pede para a atendente de maneira ríspida e sempre utilizando da expressão “por favor” uma espécie de água tônica de nome inglês. Não há contato visual entre ele e a atendente. Ele repete o nome da água tônica em inglês como se ela tivesse dificuldades para entender o pedido. O cliente olha para o meu caderno e lê “Trabalho de Conclusão de Curso”. Com a voz mais suave, diferente da usada para fazer o pedido, o homem pergunta se estou prestes a me formar e digo que sim. Ele pergunta em que e digo em teatro. Depois de um breve silêncio, levanto-me e ele me deseja boa sorte. (Diário de bordo, 15/09/2015)*

Houve claramente uma distinção de tratamento, por parte deste cliente, por eu ser uma estudante, o que, aparentemente, ele considera uma vantagem em relação aos trabalhadores. Porém essa situação de desvalorização do trabalho dos atendentes pode ser extremamente teatral e política. Além de ter a possibilidade de ser “denunciada”. Ou seja, enquanto que na lanchonete a não valorização do trabalhador infelizmente é rotineira, no teatro essa situação pode-se tornar extraordinária, mais ainda se o “representado” for uma tensão entre o real e a

ficcionalidade. Por exemplo, dando novos significados aos corpos observados, as situações que nos toca diretamente, criando narrações dessas “cenas de rua”<sup>3</sup> de maneira a provocar uma consciência crítica nos espectadores. Ou seja, através do teatro existem infinitas possibilidades de tornar o invisível, visível aos olhos do público e de quem o faz. Para isso, é necessário captar o potencial das teatralidades das cenas do cotidiano de maneira que o olhar do observador dê a ação observada um caráter teatral.

Existem teatralidades que exigem um olhar mais dedicado, e outras são mais aparentes. No caso das lanchonetes, o exemplo de teatralidade aparente está na forma da disposição da maioria dos assentos onde os clientes se acomodam para lanchar. Como segue no trecho de um dos relatos de observação numa lanchonete do baixo centro de Belo Horizonte:

*Penso em como é curiosa à disposição do balcão da lanchonete, visto que todos os assentos são de frente para o lado de dentro, num semicírculo (algo semelhante a um pequeníssimo palco italiano) em volta de um pequeno balcão, de modo que os clientes olhem para os trabalhadores. Apesar disso, quase todos os clientes, estão com os olhos baixos, fixados em seus lanches ou olhando para o lado de fora do estabelecimento. No local onde os pasteis são fritos existe quase sempre um vidro com uma vista diretamente para rua, retangular como uma espécie de televisão. (Diário de bordo, 17/09/2015).*

Os clientes/platéia não se comportam como espectadores de um teatro tradicional porque eles também fazem parte daquele grande “teatro” do cotidiano. Porém, ao fazer relatos etnográficos, sempre me sentia a única espectadora daquele “espetáculo”, analisando e apreciando o cotidiano enquanto todos “interpretavam” seus papéis.

Assim como ocorreu em minha experiência de observar lanchonetes, propor que alunos de teatro visitem universos diferentes dos seus e criem experiências em outras realidades é provocar a construção de ações teatrais nas quais a vida cotidiana poderá ser analisada, disparando reflexões sobre assuntos talvez antes nunca refletidos. Nessas construções, obviamente, as impressões de

---

<sup>3</sup> “É um importante conceito introduzido por Bertolt Brecht em suas prerrogativas do teatro épico, bem como a descrição da mesma como possível forma teatral.” (Machado, 2015, p.8).

quem observa não estarão sempre em compromisso com a historicidade e contextos verdadeiros dos observadores e suas realidades. Ao fazer um relato etnográfico automaticamente tudo estará sendo recriado conforme a conexão de mundo de quem observa. Ao ser transformado em cenas, o espaço e o tempo serão também reinaugurados. Mesmo partindo de um objeto real, o palco continuará sempre sendo um espaço vazio a ser preenchido. Com isso, o aluno poderá exercitar a sua capacidade para, em suas experiências teatrais, reinventar o mundo através de sua “poética própria”<sup>4</sup>.

Essas experiências também servem para dar individualidade ainda mais os trabalhadores, que, obviamente, estão sujeitos a experimentar diversos sentimentos. O pesquisador quando vai a campo experimenta sensações inesperadas, o que penso ser uma oportunidade de aprendizado e algo a ser discutido com os alunos. No começo de minhas observações percebi que estava preconcebendo uma ideia de trabalhadores cansados e dóceis, como se a própria função de servir os colocasse nessa posição. Logo percebi comportamentos distintos dessa ideia romântica e equivocada. Algumas dessas pessoas pareciam felizes ao executar seus trabalhos, outros eram até um pouco ríspidos no atendimento ao cliente.

*Entro no estabelecimento e peço três empadas, pergunto a atendente, que parece ser a dona do estabelecimento, quanto custa cada uma. Ela me responde ríspidamente que era um real “ainda”, dando ênfase na palavra “ainda”. Pago e vou em direção ao local onde as empadas estão, pergunto quais as opções de sabores, ela novamente ríspida, responde: esses aí ó! Foi quando vi que os sabores estavam escritos na prateleira. Pensei em pedir o dinheiro de volta, mas quando dei por mim meu dedo já estava apontado para qual empada eu queria. Agradeço e me sento com o pensamento raivoso de que não devia ter comprado, que não podia ter deixado que ela falasse dessa forma comigo. Tive vontade de me vingar de alguma*

---

<sup>4</sup> Concebendo “poética própria” como “a marca de nossa personalidade; traduz modos de ser, estar e fazer que nos delinham, que nos deixam à vontade, perante os quais podemos dizer: neste campo, “estou sendo eu mesmo”. Assim, há poética própria nos modos de expressão, de caminhar na rua, de cozinhar ou lavar louça, de brincar e de não brincar, de amar e ser amado... No campo acadêmico, a poética própria pode ser concebida como o conjunto de características de um artista ou de um autor, renomado ou iniciante: traços, rabiscos, contornos, modos próprios de ser e estar no mundo, na sua relação consigo e com o outro, em especial com a linguisticidade (relação eu-língua mãe) e com a artisticidade.” (MACHADO, 2015, p. 3).

*forma, então peguei alguns guardanapos além dos que realmente precisava. (Diário de bordo, 06/08/2015).*

Além disso, penso que existe certa comicidade e tensão no relato acima, o que pode ser rico em uma aula de teatro ou em uma encenação. Os relatos etnográficos também podem funcionar como disparadores de processos criativos para a construção dramatúrgica. A partir de situações do cotidiano é importante que o professor instigue o seu aluno a exercitar a imaginação para as criações teatrais, como no exemplo:

*Carol(atendente) coloca dois hambúrgueres na chapa. As moças que pediram parecem se divertirem e não se importam com a demora. Uma cliente se aproxima e pede uma faca para uma das atendentes. Fico pensando nos perigos de uma faca dada tão facilmente. Olho para a chapa de hambúrguer e Carol está limpando os cantos da chapa com uma faca grande. Um pouco de fumaça começa a sair de um dos fornos, os pães de queijo queimaram. As atendentes se distraem. A cliente volta devolve o garfo, o prato vazio, a bandeja e a faca. (Diário de bordo, 17/07/2015).*

Poderíamos pensar na possibilidade dessa cliente ter devolvido o prato, o garfo, a bandeja, menos a faca. Quem seria essa mulher? O que ela fará com essa faca? A teatralidade também está no que uma observação evoca. Naquilo que ninguém, além da pessoa que observa vê. A dimensão criativa está na capacidade de imaginação que o observador terá ao se deparar com cada elemento do cotidiano. No trecho abaixo, o diretor teatral e dramaturgo russo do início do século XX Nicolas Evreïnoff descreve a sua sensação de encontrar teatralidades em uma observação da vida cotidiana:

O único autor deste espetáculo, dessa charmosa teatralidade, dessas metamorfoses era eu, artista e autor livre, mágico do cruzamento de cinco estreitas ruas, eu o rebelde criador que burla as formas cotidianas da vida e lhes impõe outras formas mais nobres. (Evreïnoff, 1930, p.189).

## **Diálogo, Narrativa e Roteiro de Improviso**

### **Exemplo de exercício do Teatro Dramático:**

## Diálogo a partir de um acontecimento cotidiano / Cena de Rua

### Breve descrição da Cena de Rua:

*O movimento é intenso. Uma senhora cumprimenta, pede uma água mineral e não agradece. Outra cliente pede, não cumprimenta e não agradece. As mãos nunca param. Compro um suco de laranja, a atendente esprema a laranja rapidamente, com o rosto sereno. Entrega-me o suco sem me olhar nos olhos. (Diário de bordo, 09/07/2015)*

**Instrução:** Crie uma cena com diálogo a partir do relato acima:

### Breve exemplo de resposta:

*(O ambiente é escuro apesar de um grande relógio na parede marcar duas da tarde. No alto da entrada da lanchonete estão algumas fotos de hambúrgueres lindos e por isso inverossímeis. Os clientes olham para os hambúrgueres desconfiados. A lanchonete está cheia. Todos os atendentes estão muito ocupados.)*

**Cliente 1:** *(sorrindo) Bom tarde! Tudo bem?*

**Atendente:** *Tudo! O que deseja, senhora?*

**Cliente 1:** *Primeiro saber o seu nome. O meu é Helena. E o seu?*

**Atendente:** *(muito ocupada, sem a olhar no rosto) Está no crachá, senhora!*

**Cliente 1:** *É que você falando fica menos mecânico. Sei lá...*

**Atendente:** *Meu nome é, é....*

**Cliente 2:** *Uma coxinha.*

**Atendente:** *Sim, senhor! Senhora, meu nome?*

**Cliente 3:** *Um Xburger.*

**Atendente:** *Sim, senhora! Meu nome é...*

**Clientes:** *Empada, pão de queijo, um café, um pastel, um quibe, uma Coca-Cola, um misto quente, caldo de cana, uma água mineral...*

**Cliente 1:** *é??*

**Atendente:** *(com as mãos rápidas e os olhos dispersos) Helena, meu nome é Ana.*

**Cliente 1:** *Um suco de laranja, sem gelo.*

**Atendente:** *Sim, senhora!*

## **Exemplo de exercício do Teatro Épico Narrativa a partir de uma situação imaginada**

### **Descrição da situação imaginada:**

Dentro da embalagem, junto com o seu hambúrguer, uma atendente coloca secretamente um pequeno bilhete para você.

**Instrução:** Imagine o que está escrito no bilhete e escreva uma resposta para a atendente.

### **Breve exemplo de resposta:**

*Venho aqui há tanto tempo e a única vez que trocamos palavras foi por esse bilhete. Espero apenas um lanche e me deparo com esse bilhete que me deixou comovida. Sentirei sua falta todas as manhãs na lanchonete, mas fico contente com sua demissão para tentar a sorte na carreira de atriz. Felicidades!*

## **Exemplo de exercício do Teatro Pós-Dramático: Roteiro de Improviso a partir de um acontecimento cotidiano / Cena de Rua**

*Nas lanchonetes há grandes momentos de picos com intervalos de alguns poucos minutos. Quando tudo sossega os atendentes deitam o corpo inteiro na parede oleosa. Têm piscadas lentas de sono. Quando o local enche novamente espremem, fritam, carregam, atendem, amassam, lavam e enxugam o suor da testa. Depois deitam novamente o corpo na parede oleosa. (Diário de bordo, 09/07/2015).*

**Proposta de roteiro de improviso:** sem utilizar o texto escrito ou verbal, faça o seu pedido ao atendente da lanchonete utilizando apenas movimentos com o próprio corpo.

**Breve exemplo de resposta:** este é um convite para uma livre improvisação.

Os exercícios propostos são uma introdução às dramaturgias do teatro épico, dramático e pós-dramático para alunos iniciantes. Eles são apresentados

primeiramente, na estética dramática, considerando a observação do cotidiano de lanchonetes pelo professor. O foco desse exercício está no diálogo, por ser esse o elemento principal do teatro dramático. Após a primeira experiência com a escrita referente a essa estética, eu, enquanto professora, poderei progredir para o ensino da estrutura temporal linear, para o conflito nuclear a ser resolvido, para a tensão visando o desfecho da trama, entre outros elementos.

O segundo exercício dramatúrgico, na estética do teatro épico, tem como princípio o texto narrativo. Para esse exercício, convidei o aluno a escrever uma narrativa imaginada através de uma situação dada. Posterior a esse primeiro contato com o texto narrado, poderei avançar em direção a uma dramaturgia mais elaborada, com foco no efeito de distanciamento, da tensão visando o desenvolvimento, da ironia, a estrutura temporal em curvas e saltos, das “quebras da quarta parede” e da possível abordagem política.

Na terceira proposta, na estética do teatro Pós-Dramático, propus uma maneira de guiar o aluno para uma improvisação de construção de dramaturgia através do corpo, sem o uso da palavra. Segundo a Profa. Dra. Marina Marcondes Machado, “roteiros de improviso é “uma expressão criada por ela para presentificar às inúmeras contradições de se fazer pesquisa acadêmica a partir de nossa própria criação. Os roteiros de improviso são linhas relativamente curtas para guiar o trabalho do ator, ou daqueles sobre os quais se diz “jogador não ator”. É um convite a performance e a uma atuação não representacional.” (Machado, 2015).

Contudo, este trabalho se posiciona mais ao lado das vertentes do teatro épico por se assimilar com uma estética que não pretende formar um público conformado, satisfeito e convenientemente passivo, mas que tem como intuito fundamental a elevação das emoções ao raciocínio crítico.

## **CONCLUSÃO**

Minha proposta neste trabalho é oferecer um processo de iniciação à construção de dramaturgias realizadas a partir de um recorte, aparentemente invisível, do cotidiano. Neste caso o objeto de estudo foi o trabalhador de lanchonetes, profissionais despercebidos na mecanização de suas atividades. Penso que oferecer um foco nas atividades desses profissionais é forçar a percepção de uma realidade de outro e, de certa maneira, enriquecer a realidade do

observador. Para isso, realizei relatos etnográficos de situações de lanchonete com foco principal nos trabalhadores desses estabelecimentos que irão apoiar minha trajetória enquanto professora de teatro e também eventuais leitores.

Nesta pesquisa abordei determinada classe trabalhadora, mas diversas temáticas do cotidiano podem ser trabalhadas pelo professor em sala de aula. Outra possibilidade é que os relatos de observações poderão ser feitos pelos próprios alunos, os quais teriam a chance de tratar de realidades escolhidas por eles mesmos, de acordo com seus interesses e motivações. Isso, possivelmente, dará uma paridade mais eficiente entre o aluno e sua dramaturgia, unindo vida fora e dentro do ambiente escolar.

Penso que na aula da escola formal, cujo foco não está na formação de atores profissionais, o objetivo do professor deve estar além do ensino de técnicas teatrais. É função do professor disparar processos de estímulo à sensibilidade do aluno, transformando cotidiano em matéria prima para construções intelectuais. Com isso, a minha proposta é ensinar elementos da dramaturgia concomitantes às questões sociais e políticas, sendo o professor um propositor e um organizador de diálogos teatrais.

Este trabalho é o germe de um planejamento de aula. A proposta é instigar o estudo da dramaturgia através de assuntos ou temas sugeridos pelo discente. As construções teatrais se constituirão a partir de observações do cotidiano, por vezes “invisíveis”. A intenção seria, portanto, encaminhar uma reflexão crítica que ultrapassaria propriamente o domínio do ensino da técnica teatral. Através de experimentações cênicas, o aluno poderá promover a existência pragmática de indivíduos fictícios a partir de indivíduos reais.

Ouvindo e observando o outro, reforcei a ideia de que estar no mundo é também olhar e pensar sobre determinada cultura, criando conexões intelectuais e afetivas de si em relação com o outro. Sempre me questioneei da razão de não começar uma aula de teatro com a pergunta: “o que vocês querem falar? O que toca vocês?” Claro que certamente irei me deparar com alunos desinteressados em responder essas perguntas, com aulas cujo efeito desejado será insatisfatório. Posso propor uma atividade na qual poucos alunos desejarem participar, e ainda me deparar com alunos que estão visivelmente indispostos. Mas na minha experiência enquanto aluna, todos esses fatores de

desinteresse aconteceram quando não havia relações entre a vida dentro e fora da escola.

Portanto esse TCC tem uma motivação pessoal: provocar uma pequena mudança na escola nunca plenamente habitada por mim, e que ainda hoje me fragiliza.

## REFERÊNCIAS

BRANDAO, C. R. ; **Reflexões sobre como fazer trabalho de campo**. Sociedade e Cultura, v. 10, p. 11-28, 2007.

BRECHT, Bertolt. **Estudos sobre teatro**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. 210 p.

EVREINOFF, Nicolas. **Le théâtre dans La vie**. Paris: Librairie Stock, 1930.  
\_\_\_\_\_. **O eterno show**. In: Revista Performáticos, Performance e Sociedade. Brasília. Editora da UNB, 1996, p. 96 – 106.

MACHADO, Marina Marcondes: **Rumo a possíveis dramaturgias do espaço**. Moringa - Artes do Espetáculo (UFPB), v. 5, p. 121-131, 2014.

MACHADO, Marina Marcondes: **Cacos de infância: teatro da solidão compartilhada**. São Paulo: FAPESP, 2004. 130 p.

NOVAIS. Adauto. McDonald's: O olhar a-m-nêmico. IN: livro: **O olhar**. Companhia das Letras. São Paulo. 1998.

ROSENFELD, Anatol. **O teatro épico**. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2008. 176 p.

SARRAZAC, Jean-Pierre. **A invenção da teatralidade**. Apresentação e tradução Alexandra Moreira da Silva. Porto: Deriva editores, 2009.

< <http://www.agachamento.com/> > Acesso em 01 de Dez de 2015.

< <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/textosfcc/index> > Acesso em 10 de Nov de 2015